

JORNAL: CORREIO RADICAL LOCAL: GUANABARA

DATA: 7 / 6 / 1956 AUTOR: MANUEL, PEDRO

TÍTULO: SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA III A PINTURA (CONT. DE 3.6.56)

ASSUNTO: CRITICA VIOLENTA AO IVAN, AOS CRITICOS

CADUCOS E AOS CONCRETISTAS

PALETA

PEDRO MANUEL

142

SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA III A PINTURA (continuação de 3-6-56)

Era nossa intenção falar antes da seção de pintura no seu aspecto geral, mencionar depois os pintores que melhor se apresentam, assinalar os artistas que revelam progresso e enfim explicar porque consideramos fracas determinadas pinturas, e não pintura, por não ser arte, outras.

Acontece porém que o sr. Jaime Mauricio está fazendo violenta campanha no «Correio da Manhã» em favor do sr. Ivan Serpa, diretor do Grupo Frente e um dos maiores expoentes do concretismo.

O dito senhor no passado salão foi agraciado pela isenção de juri na seção de pintura, razão pela qual este ano está concorrendo, potencialmente ao prêmio de viagem ao exterior validamente ajudado pelo redator plástico do «Correio da Manhã».

Pessoas de renome, pintores de valor, e críticos caducos declararam que consideram Ivan Serpa o concorrente mais dotado para ganhar o cobiçado prêmio, fazendo alguma vez o ato generoso de associá-lo com Firmino Saldanha.

Que ilustres senhores nada entendidos de arte confundam experiências paracientíficas de refração e associação de cores com arte, passe; que o fazem pintores de indiscutível valor e de grande seriedade é exquisito e mais grave, o pintor sendo artista afinal não deve raciocinar, se é grande e sério o é na intuição não na lógica, e não pode ser condenado se erra no juízo de uma obra, dado que julgar é atividade eminentemente lógica; mas que um crítico chame de arte e arte merecedora do prêmio máximo uma manifestação completamente destituída de intuição é muito sério, é sinal de caducidade precoce ou de completa ignorância da essência da arte.

E que os concretistas não realizam arte é mais do que claro, e se assim não fôsse bastaria ler algum trecho da entrevista dada por Lygia Clark à Flávio de Aquino no último número do «Jornal de Letras».

Entre outras coisas diz: «Até 1954 pesquisava mais do que raciocinava. Agora porém, já tenho algo em que me basear». Ora arte não é raciocínio, arte é imagem e sentimento entre si unidos de tal maneira que a imagem toda transmite sentimento e o sentimento não permanece a não ser na própria imagem, isto é, intuição pura não especulação.

Continua dona Lygia Clark falando de uma tal linha orgânica que poderá ter ligações com a geometria ou com a engenharia, mas não com a criação estética, e acaba depois dizendo: «A intuição hoje tem participação muito menor na minha pintura que antes». Ela diz «menor» mas depois afirma, não sabemos quais exigências racionalistas de equilíbrio quase matemático, e praticamente mostra claramente, em primeiro lugar, uma grande confusão entre atividade estética e científica, em segundo lugar, um grande desejo de ser cientista. E se o quer ser o seja, mas não venham nos aborrecer, ela com todos os outros combinadores de cores e formas expondo no salão, que afinal é de arte, e com ousadia de pretender prêmios.

Só uma reprovável confusão em redor do conceito de arte pode fazer considerar arte os trabalhos de Ivan Serpa, Ubi Bava, Lygia Clark, Aluisio Carvão e João José S. Costa.

Esperamos que o juri se revele à altura dos seus feitos e não desande premiando, como arte trabalhos que podem ser serios e nobres mas não artísticos

(continua)